

As variadas crises morais, sociais, políticas e económicas que estamos a viver encontram-se todas interligadas, e os problemas que consideramos como singulares, na realidade um é causa ou consequência do outro. E assim somos chamados a enfrentar, com responsabilidade e compaixão, os desafios do nosso mundo.

Papa Francisco, Mensagem para o 56.º Dia Mundial da Paz (2023), 8 de dezembro de 2022.



Boletim de Espiritualidade

1 JANEIRO 2023
Ano X Nº 103

103



Agenda janeiro 2023

- 2 **Fátima** (Santuário) – Recoleção – Emanuel Silva [🔗](#)
- 4 **Fátima** (Santuário) – Seminário online: *desCodificar Fátima* – [fim 25/01] [🔗](#)
- 3 **Porto** (C. Cultura Católica) – As instâncias eclesiais de corresponsabilidade pastoral – Emanuel Brandão de Sousa [🔗](#)
- 5 a 8 **Braga** (Casa de Soutelo) – Exercícios Espirituais [🔗](#)
- 6 **Fátima** (Santuário) – Lectio Divina (*Domingo*) [🔗](#)
- 6 a 8 **Fátima** (Domus Carmeli) – XXIII RUMOS [🔗](#)
- 6 a 8 **Braga** (Casa de Soutelo) – Exercícios Espirituais [🔗](#)
- 6 a 13 **Braga** (Casa de Soutelo) – Acerca da liderança: A sabedoria do pescador! [🔗](#)
- 7 **Algarve** (Pêra) – Celebrar a fé com os jovens [🔗](#)
- 7 a 8 **Rodízio** (Jesuítas) – Relógio da Família [🔗](#)
- 9 **Viana do Castelo** (Carmo) – Encontro bíblico [🔗](#)
- 9 a 28 **V. N. Gaia** (Redentoristas) – Curso: Explica-me porque tenho de ir à missa [🔗](#)
- 10 **V. N. Gaia** (Redentoristas) – Curso: Lucas: leitura infinita (termina a 25 de março) [🔗](#)
- 12 **Online** – Curso Bíblico – P. Armindo Vaz, ocd [🔗](#)
- 12 a 15 **Braga** (Casa de Soutelo) – Exercícios Espirituais [🔗](#)
- 13 **Fátima** (Santuário) – Lectio Divina (*Domingo*) [🔗](#)
- 13 a 15 **Ávila** (CITEs) – Formação: Não importa o que aconteça, construa a paz [🔗](#)
- 19 **Ávila** (CITEs) – A santidade da razão: desafios atuais à mística desde a filosofia [🔗](#)
- 20 **Fátima** (Santuário) – Lectio Divina (*Domingo*) [🔗](#)
- 20 a 22 **Braga** (Casa de Soutelo) – Eneagrama I [🔗](#)
- 20 a 22 **Fátima** (Domus Carmeli) – 1.º módulo da Escola de Maria: «Eis-me aqui» [🔗](#)
- 20 a 22 **Ávila** (CITEs) – Edith Stein I: Itinerário espiritual e obras [🔗](#)
- 21 **Braga** (Carmo) – Encontros com a Palavra (reflexão, diálogo e oração) – Fr. Francisco Maria [🔗](#)
- 21 e 22 **Braga** (Casa de Soutelo) – Fim de Semana para noivos [🔗](#)
- 26 **Online** – Curso Bíblico – P. Armindo Vaz, ocd [🔗](#)
- 27 **Fátima** (Santuário) – Lectio Divina (*Domingo*) [🔗](#)

- 21 **Viana do Castelo** (Carmo) – I Jornada Pastoral com Teresinha do Menino Jesus: *O pequeno caminho de confiança* – Fr. Francisco, ocd [🔗](#)

Agenda fevereiro 2023

- 2 a 5 **Braga** (Casa de Soutelo) – Exercícios Espirituais [🔗](#)
- 2 a 10 **Braga** (Casa de Soutelo) – Exercícios Espirituais [🔗](#)
- 3 **Fátima** (Santuário) – Lectio Divina (*Domingo*) [🔗](#)
- 6 **Fátima** (Santuário) – Recoleção – Adelaide Júnior [🔗](#)
- 6 **Viana do Castelo** (Carmo) – Encontro bíblico [🔗](#)
- 7 **Porto** (C. Cultura Católica) – Escutar e acompanhar na fragilidade – Pastoral da Saúde [🔗](#)
- 9 **Online** – Curso Bíblico – P. Armindo Vaz, ocd [🔗](#)
- 9 a 12 **Braga** (Casa de Soutelo) – Exercícios Espirituais [🔗](#)
- 10 **Fátima** (Santuário) – Lectio Divina (*Domingo*) [🔗](#)
- 13 **Rio de Mouro** (IDFC) – Curso: *A pessoa no Pensamento Cristão* – Lourdes Sirgado [fim: 15/06] [🔗](#)
- 13 **Linda-a-Velha** (IDFC) – Curso: *A Eucaristia faz a Igreja!* – P. Nuno Tavares [fim: 15/06] [🔗](#)
- 13 **Amoreiras** (IDFC) – Curso: *Jesus Cristo para lá do Cristianismo* – P. Peter Stilwell [fim: 15/06] [🔗](#)
- 13 **Online** (IDFC) – Curso: *Fratelli tutti e Laudato Si'* – Eugénio da Fonseca [fim: 15/06] [🔗](#)
- 14 **Mafra** (IDFC) – Curso: *Escritos Paulinos* – P. Marcos Martins [fim: 15/06] [🔗](#)
- 13 a 17 **Fátima** (Domus Carmeli) – Retiro para Sacerdotes [🔗](#)
- 16 a 22 **Braga** (Casa de Soutelo) – Exercícios Espirituais [🔗](#)
- 17 **Fátima** (Santuário) – Lectio Divina (*Domingo*) [🔗](#)
- 18 **Braga** (Carmo) – Encontros com a Palavra (reflexão, diálogo e oração) – Fr. Francisco Maria [🔗](#)
- 23 **Online** – Curso Bíblico – P. Armindo Vaz, ocd [🔗](#)
- 24 **Fátima** (Santuário) – Lectio Divina (*Domingo*) [🔗](#)
- 24 a 26 **Fátima** (Domus Carmeli) – 2.º módulo da Escola de Maria: «Pôs-se a caminho» [🔗](#)
- 25 **Viana do Castelo** (Carmo) – Retiro de Quaresma: *Jesus, Tu és...* – Fr. Agostinho Castro, ocd [🔗](#)
- 25 **Braga** (Carmo) – Tarde com Deus [🔗](#)

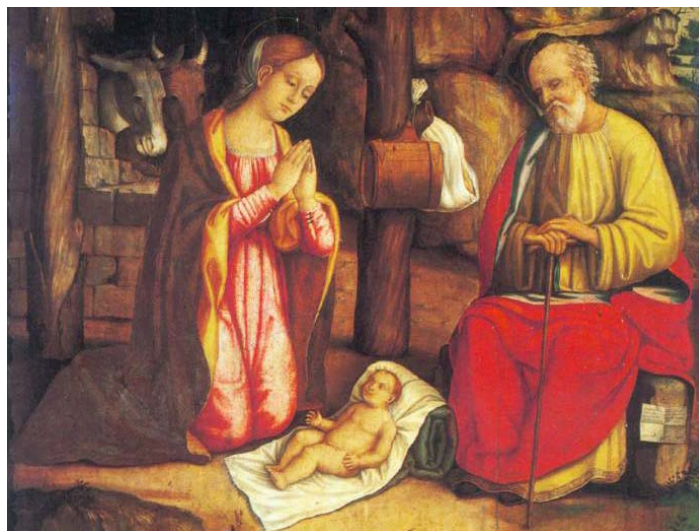
O dom e a exigência do Natal

Armindo Vaz, OCD

O Natal é a festa que mais toca os sentimentos e as emoções humanas. Põe-nos a pensar numa mãe que concentra no filho toda a ternura do mundo, uma mãe que dá à luz um menino apresentado como filho de Deus, mas que não é posto num berço de ouro e é “reclinado numa manjedoura (*praesepio*, em latim)” (Lc 2,7), um menino que não aparece vestido de luz mas envolto em humildes panos. O menino que escolheu precisar em vez de exigir atrai-nos para a sua humanidade, tão desarmante que transparece divindade. Humanidade de Jesus, é o primeiro que o Natal contempla, amando também a carne em que ele assumiu a condição humana. O que foi indicado aos pastores – os primeiros a quem foi enviado “um mensageiro do Senhor”, eles, sim, “envoltos de luz” ultra-terrena – é muito humano: “Não tenhais medo! Anuncio-vos uma boa nova, que será grande alegria para todo o povo: nasceu-vos hoje na cidade de David um salvador, que é Cristo, Senhor. E isto será para vós o sinal: encontrareis um menino envolto em panos e deitado numa manjedoura” (Lc 2,10-12). E o verificado coincide com o anunciado: “Foram com pressa e encontraram Maria, José e o menino deitado na manjedoura” (v. 16). Ao fim notifica-se a surpresa. Viram o humano, contemplaram o divino: “Os pastores regressaram glorificando e louvando Deus [proclamando a sua existência] por tudo o que tinham ouvido e visto” (v. 20). A fé sugeriu-lhes que a mãe fez entrar a vida eterna do Filho de Deus na vida limitada do Filho do Homem, Jesus.

O mistério que envolvia o seu nascimento fez parar tudo no tempo. Os livros apócrifos que o relatam deixam-se surpreender pela meditação: “Naquela hora, tudo parou no máximo silêncio com temor reverencial. Os ventos deixaram de soprar. Não se movia uma folha das árvores, nem se ouvia o murmurar das águas. Os rios ficaram imóveis e o mar sem ondulação. Calaram-se todas as nascentes das águas e cessou o eco de vozes humanas. Reinava grande silêncio. Até o próprio pólo abandonou o seu vertiginoso curso. As medidas das horas já quase tinham passado. Todas as coisas se tinham abismado no silêncio, atemorizadas e estupefactas. Nós esperávamos a vinda de Deus das alturas, meta dos séculos” (*Livro sobre a Infância do Salvador*, 72). Com a metáfora do vagar e da paragem de qualquer movimento, o evangelho apócrifo tomava consciência da importância de tal acontecimento e de que Jesus era a paz e a causa de prosperidade para o universo; talvez sugeria que “os maiores acontecimentos... [se dão] nas horas do mais profundo silêncio” (F. NIETZSCHE, *Assim falava Zaratustra* [Presença; Oeiras 2010] 156).

Esta nota do nascimento de Jesus fora de casa, na manjedoura de uma gruta, entrelaça-se com a da sua morte fora de casa, na cruz de uma colina. Aquele que no seu nascimento tinha sido “envolto em panos e reclinado numa manjedoura” de animais, na sua morte foi “envolto num lençol limpo e posto no sepulcro novo”, emprestado (Mt 27,59-60). Ele, que “foi posto à prova em tudo como nós, excepto no pecado” (Heb 4,15), partilhava assim com a humanidade de hoje os hábitos de nascer, não em casa, mas na maternidade, e de morrer, não em casa, mas no



Natividade (1534)

AGABITI, Pietro Paolo – Museu Cristão, Esztergom (Hungria)

hospital. Mesmo em vida, “o Filho do Homem não teve onde reclinar a cabeça” (Lc 9,58).

O relato do Natal, que põe “uma multidão do exército celeste” a cantar “glória no céu a Deus e na terra felicidade salvífica entre os homens que Ele ama”, mostra os céus a abrirem-se definitivamente, ponto de chegada de uma longa procura da compreensão da vida pela fé: com Jesus, acreditar significa compreender, ver melhor. Acontece o maravilhoso radical, revelador: o menino anunciado por mensageiros celestes, adorado pelos humildes pastores da terra e apresentado pela mãe, vem mesmo de Deus. Assim, o menino liga Deus à história dos homens. O Natal de Jesus, cujo mistério cobre toda a sua vida terrena, dá o último toque à imagem de Deus: mostra que “Aquele que é” (Ex 3,14) é ‘Deus para nós’, imanente sem deixar de ser transcendente, não distante de nós mas “Deus conosco”. Deus em si continuou com a mesma identidade. Mas o Natal de Jesus revelou definitivamente o que o povo bíblico já sabia em boa medida: a suma importância que Deus dá ao ser humano. Tanta que, com o Natal, o Filho de Deus assumiu a natureza humana, elevando assim ainda mais a dignidade dela: tornou-a *capaz de Deus*.

Cada um passa a vida em busca de si próprio, em busca da sua identidade, que evolui para o encontro consigo próprio e passa pelo encontro com os outros e com o Outro em superlativo: nas contas da nossa identidade, a Bíblia inclui Deus, que nasceu para/em nós em Jesus. Ele “deu-lhes o poder de se tornarem filhos de Deus, àqueles que acreditam no seu nome” (Jo 1,12), semitismo que significa «na sua pessoa», porque o nome a identifica e a torna presente. Ora, ninguém recebe a identidade de outra pessoa, sem mais. O Natal de Jesus inseriu na pequena e na grande História um dinamismo espiritual novo que humaniza as relações interpessoais, familiares, comunitárias e internacionais; trouxe de Deus tudo para viver em perfeita harmonia, sim. Mas esse *poder* dado não actua automaticamente, nem pela ‘magia do Natal’: implica a responsabilidade de o assumir e viver. O Natal é o ideal a chamar por nós. E da parte humana está muito por ‘cumprir’. Não interessa o poder de mudar o Natal em época comercial. Importa mais o poder de deixar que o Natal mude as pessoas segundo o espírito do presépio.

Tarde com Deus

Carmo de Braga, 25 de fevereiro de 2023



Os Carmelitas Descalços da comunidade de Braga propõem uma tarde reflexão, oração e louvor. A sessão terá início na sala Frei José do Espírito Santo, às 15:00h, com um breve ensinamento ministrado por um dos religiosos da comunidade; logo depois de breve pausa, segue com a adoração do Santíssimo Sacramento exposto sobre o altar da Igreja de Nossa Senhora do Carmo, e termina com o canto de Vésperas e a Bênção Solene. O último ato será uma merenda em comunidade. [🔗](#)

Descodificar Fátima

Quartas-feiras de janeiro (plataforma Zoom)



O Santuário volta a oferecer, nas quartas-feiras de janeiro, o seminário online *descodificar Fátima*, onde serão apresentadas duas sínteses por sessão sobre temas relacionados com o primeiro século do acontecimento de Fátima. O *webinar* pretende dar resposta a muitas interrogações que Fátima suscita junto dos peregrinos e investigadores, fazendo chegar os resultados da investigação científica sobre Fátima a diferentes públicos, em diversas geografias. Esta segunda edição irá debruçar-se sobre os seguintes temas: a coroa preciosa de Nossa Senhora de Fátima e o jornal “Voz da Fátima”, no dia 4 de janeiro; a ritualidade da celebração da noite em Fátima e as obras de arte da Basílica da Santíssima Trindade, no dia 11; a Imagem Peregrina de Nossa Senhora de Fátima e o Museu do Santuário de Fátima, na penúltima quarta-feira do mês; e o correio de Nossa Senhora de Fátima e as fotografias dos Santos Francisco e Jacinta Marto, no último dia do seminário, 25 de janeiro. [🔗](#)

XXIII Rumos

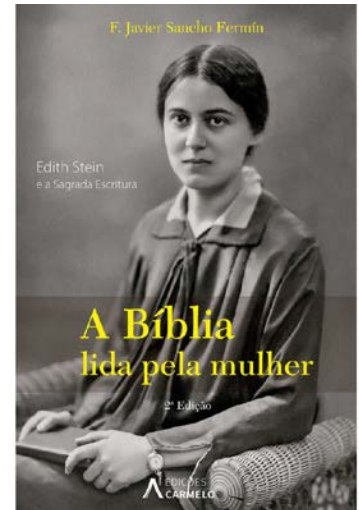
Encontros de discernimento vocacional para jovens



No fim de semana de 6 a 8 de janeiro de 2023, realiza-se o encontro do Rumos, na *Domus Carmeli*, em Fátima. Rumos são encontros vocacionais destinados a jovens que pretendam discernir, clarificar ou confirmar a sua vocação, seja ela para a vida laical, matrimonial, sacerdotal ou consagrada. São orientados por dois casais, dois sacerdotes e dois consagrados que apresentarão um conjunto de reflexões e pistas de trabalho para que os jovens se possam questionar e descobrir o que é que Deus espera deles. Além destes encontros, depois, cada jovem pode escolher um casal dos carmelitas seculares, um padre ou uma irmã carmelitas para serem acompanhados pessoalmente. [🔗](#)

A Bíblia lida pela mulher

Edith Stein e a Sagrada Escritura



Nestas páginas, Edith oferece-nos uma série de chaves de leitura que tornam mais compreensível a Sagrada Escritura, como sejam, a contemplação da própria vida dentro do projecto de Salvação de Deus, a sintonia com os sentimentos de Cristo ou de um salmista, a leitura da história actual à luz da Palavra. Com estas páginas, não só ficamos a conhecer melhor a figura ímpar do século passado, mas também adquirimos um maior conhecimento e vivência, pessoal e comunitária, da Sagrada Escritura.

Publicação: Edições Carmelo [🔗](#)

claustrO

Sementes de mudança. Júlio Pereira propõe-nos lançar um olhar sobre algumas das transformações do mundo atual e encontrar nelas caminhos para a vida dos cristãos hoje. A confiança na presença de Deus, na história e na nossa vida de cada dia, é a razão da nossa esperança que nos anima e fortalece. A história da Igreja é sedimentada na certeza de que Jesus caminha a seu lado e de que o Espírito Santo a ilumina, mesmo nas noites mais sombrias. [🔗](#)

A águia e o passarinho. Isabela Neves deixa-se interpelar por Santa Teresinha do Menino Jesus e debruça-se sobre a pergunta: «Como é que uma alma tão imperfeita como a minha poderá aspirar a possuir a plenitude do Amor?». Consciente da sua pequenez, Teresa de Lisieux abandona-se ao Amor. E é precisamente daí que parte para nos fazer entender esta tão expressiva parábola da águia e do passarinho que Teresinha nos apresenta na História de uma Alma. [🔗](#)

O poder da Palavra na Vida: apresentação da obra

João Lourenço



É com muito gosto que deixo aqui para o *Boletim de Espiritualidade* uma palavra de apresentação do livro do P. Armindo Vaz, ocd – *O Poder da Palavra na Vida* – obra que teve a sua génese no conjunto de reflexões que o autor foi escrevendo aqui neste mesmo mensário ao longo de um período de tempo que vai de setembro de 2014 (1º número do *Boletim*) a setembro de 2022. A escrita brilhante e profunda do P. Armindo Vaz, notável companheiro de atividades académicas e de dedicação à Palavra de Deus, está bem documentada aqui, nesta obra que as Edições Carmelo, em boa hora, tiveram a feliz ideia de reunir e editar em livro. Estas reflexões que mensalmente o autor foi publicando no *Boletim de Espiritualidade* testemunham de forma plena aquela que é a vivência que o seu autor empresta à força da Palavra de Deus que ele mesmo, ao longo de décadas, vem conferindo à sua atividade docente e de orientador de retiros e encontros de espiritualidade. Para além do ensino científico e académico que já tocou de forma direta muitos grupos de estudantes e de participantes em exercícios espirituais e grupos de ação pastoral, as reflexões agora aqui reunidas são um verdadeiro testemunho da paixão e do encanto que o autor nutre pela Palavra de Deus e pelo serviço do seu anúncio. Por isso, queremos também felicitar as Edições Carmelo pela iniciativa desta publicação, permitindo assim que as reflexões aqui reunidas possam servir um público mais alargado e contribuir para a difusão de uma verdadeira espiritualidade da Palavra.

Nesta breve apresentação que aqui deixo, desejo realçar de forma direta dois tópicos: **a pessoa do autor** e alguns aspetos do **conteúdo da obra**.

1º – **a pessoa do autor**: apesar de sobejamente conhecido, Armindo Vaz é merecedor de uma palavra de felicitações e de agradecimento por tudo quanto tem feito em prol da Palavra de Deus, tanto como professor na Facul-

dade de Teologia da Universidade Católica, à qual tem dado ao longo de décadas, e continua a dar, o melhor do seu saber, do seu trabalho e da sua dedicação. Poderíamos destacar nele algo semelhante à paixão de Jeremias acerca da Palavra (15,16: *a Tua Palavra era festa e alegria no meu coração*). Armindo Vaz tem percorrido um itinerário de grande empenho e carinho pela Palavra, numa total entrega à missão de desvendar e dar a conhecer a sua riqueza, desvendar as linguagens dessa mesma Palavra e, muitas vezes, fazer a descoberta de sentido, realizando a tarefa hermenêutica que se esconde nas simbólicas e nas imagens da Escritura.

2º – Acerca do conteúdo das reflexões que fazem parte da **obra que aqui apresentamos**, aprez-me destacar alguns pontos, respigados dos respetivos tópicos que o Autor aborda.

Antes de mais, partilho com os leitores uma pergunta que a mim mesmo me impus e que certamente muitos de vós partilhais comigo: **Que obra é esta?** Não sendo uma obra de exegese bíblica no sentido específico do termo nem um trabalho que se confine à respetiva arte exegética, este livro é um compêndio de espiritualidade bíblica, respigada dos mais belos textos da Escritura, sempre tratados com intensa profundidade, dimensão vivencial e atualidade pastoral. Para além da sua matriz bíblica, sente-se que estas reflexões estão envolvidas e marcadas pela sentida espiritualidade carmelitana, com a matriz de Santa Teresa de Ávila, como é próprio de um digno Filho da grande reformadora de Ávila que deu nova vida à Ordem do Carmelo. Lendo estas reflexões, sentimos nelas o vigor do Carmelo, do Jardim dos profetas e arautos do monoteísmo bíblico e, à semelhança de Elias e de Teresa d'Ávila, tudo aqui, no texto, respira o encanto da Palavra, a mesma que fez com que ao profeta Deus tivesse entregue as 'chaves da vida e da chuva' (*Carta de*

Santiago 5,17-18), as duas grandes manifestações do vigor da Palavra.

No seu conjunto, são abordados temas em jeito de meditação que, por vezes, aparentam um ar de crónica de espiritualidade, mas sempre marcados pela oportunidade reflexiva, pelo convite à interiorização da Palavra, numa espécie de *'refreshment'* espiritual de que tanto carecemos e que aqui podemos encontrar com abundância, numa 'mesa da Palavra' que é servida em linguagem de vida e de paixão.

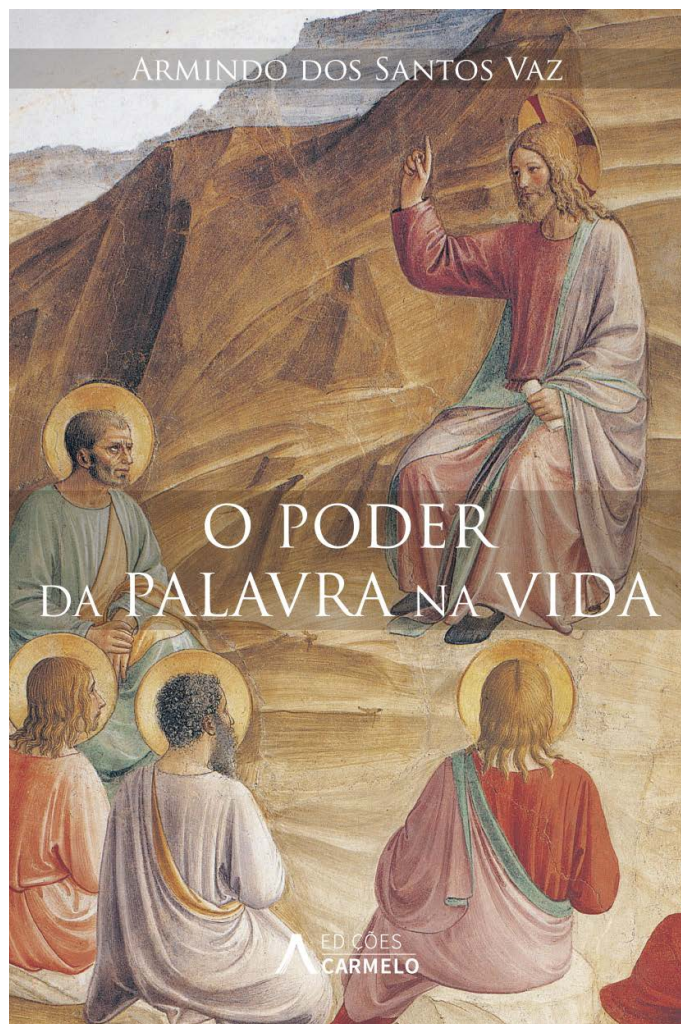
Os textos, um conjunto de 67 reflexões, estão agrupados por proximidades temáticas e não por sequências cronológicas, podendo o leitor dar continuidade às reflexões que são apresentadas e, apesar da proximidade temática de muitos, vários deles situam-se em anos diferentes e são, por isso mesmo, suscitados por motivações também diversas, quer pelo tempo quer pelas circunstâncias sociais e eclesiais e até mesmo políticas.

Há uma centralidade temática em toda a obra e, tal como o título o deixa entender, essa centralidade recai sobre a Palavra e é à volta da Palavra nas suas múltiplas dimensões e funcionalidades que passa o eixo central da reflexão levada a cabo pelo Autor. A versatilidade com que a Palavra é aqui tratada mostra-nos que o P. Armindo Vaz é um homem da Palavra, diria mesmo, um arauto da Palavra, fazendo desta o seu alimento discursivo e reflexivo.

Neste contexto, apraz-me destacar algumas destas reflexões, sem desvalorizar as demais ou minimizar a intensidade de todas. Destaco 3 ou 4:

.Pp. 19-21 (nº 3), 'o Poder da Palavra', sobre as múltiplas funções e valências da palavra que, presentes na dinâmica humana da comunicação, se alargam também à Palavra revelada, tal como já o referia Paulo na sua 2ª Carta a Timóteo, 4, 2, quando diz ("Prega a palavra, a tempo e fora de tempo, repreende, corrige, exorta com toda a mansidão e doutrina") ou, ainda, como já dissera Isaías (*Is 55,11*: "assim acontece com a Palavra que sai da Minha boca; ela não volta a Mim sem ter produzido o seu efeito, sem ter dado os seus frutos"). Ora, como diz Armindo Vaz, a força da palavra não está só no poder de fazer coisas, mas também, como acontece com a Palavra revelada, em 'gerar factos históricos' (p. 20), enumerando uma série de realidades históricas que colhem a sua força na Palavra. É esta força que nasce na paixão da Palavra que os profetas testemunharam e que conhecemos também presente na própria poética clássica da Grécia e da Roma imperial. É essa força da Palavra que ressoa nas exortações de Jesus: 'não tenhais medo (Mt 14,27) ou nos imperativos a que recorre para renovar a vida daqueles a quem confere uma nova vida: *'Talitá kum'* (Mc 5, 41) e ainda *'Lázaro, vem para fora'* (Jo 11,43).

Avançando um pouco mais, tomo como referência um outro tema, de conteúdo bem apropriado ao tempo litúrgico que estamos vivendo – o tempo de Natal: *"A Virgem do silêncio e a Palavra"* (pp. 61-63). Estamos em presença de um belíssimo texto que enquadra perfeitamente o mistério da Encarnação do Logos, da Palavra no contexto da revelação que celebramos nesta quadra litúrgica. O



Mensageiro da Palavra faz-se ícone do Deus-Palavra que, na palavra angélica, como diz o autor, se faz Palavra encarnada no seio de Maria e assim entra plenamente na história da humanidade, na história da salvação, dando-se a conhecer no Verbo Encarnado. O diálogo entre o Anjo e Maria mostra-nos algo que é fundamental à nossa fé: 'A Deus nada é impossível', porque a Sua palavra é a expressão de toda a sua onnipotência; ela traz em si toda a força do amor de Deus pelo Homem a quem quer salvar. Esta *Palavra condensa a dinâmica do Amén de Deus à humanidade*, isto é, da fidelidade de Deus que se conjuga com a fidelidade do Homem na pessoa de Maria. Ela torna-se, deste modo, o sacrário da Palavra salvadora. Na tradição oriental, à Palavra é dada a mesma centralidade que nós, no ocidente, damos à eucaristia (ao Sacrário).

Deixando-nos envolver pela espiritualidade natalícia, olhamos agora para a "Palavra que o Presépio nos inspira" (pp. 80-82), em que o Autor nos oferece uma bela reflexão sobre as Personagens do Presépio que muito nos pode ajudar a viver a sua espiritualidade. Cada uma das personagens que a representação do Presépio incorpora, fala-nos, na sua singela presença, da ternura de Deus e são por si mesmas um convite à contemplação e ao silêncio que abre o coração à plena comunhão com Deus. O Autor alude, comentando um célebre ícone do séc. X (pp. 81), que as figuras do presépio, especificamente S. José, são figuras tocadas pelo mistério que celebramos e o seu silêncio mais não é do que a expressão de um sentir que 'não se pode viver plena-



mente sem alguma dose de mistério'. A encarnação do Logos é a plenitude do mistério de Deus na história e é a partir desse mistério que nos é dado conhecer o nosso próprio mistério, o mistério de cada um de nós. Armindo Vaz agrega aqui várias reflexões enquadradas nos dias festivos do Natal, em que se desdobram as diversas dimensões da espiritualidade natalícia e onde encontramos múltiplas ressonâncias da vivência cristã em que o Presépio se faz Palavra viva.

Como partilha final, quero fazer-me eco de mais uma das reflexões do autor que tem por título: "A Palavra da Cruz" (pp. 102-105). A cruz é, certamente, a Palavra mais rica, mais densa de sentido, mais carregada de mistério de todas quantas se compõem os textos bíblicos. Já Paulo falava da palavra da cruz e da sua linguagem, aludindo à pluralidade de sentidos que a mesma pode assumir, para crentes e descrentes, para judeus e gentios e, acima de tudo, para cristãos e não cristãos. Uma das dimensões mais profundas da linguagem da Cruz é, no dizer de

Paulo, a palavra da reconciliação, tal como refere a *Carta aos Efésios*: "Jesus Cristo... reconciliou com Deus os dois povos [Judeus e não judeus] num só corpo por meio da cruz" (Ef 2,16). A cruz de facto fala; ela não traduz apenas sofrimento nem inspira somente compaixão; pelo contrário, a força da palavra da Cruz é o elo mais rico e mais profundo da comunhão, em que os braços estendidos do crucificado abraçam o mundo. Ora, é na linguagem da cruz que este abraço de Deus à história se faz construtor de paz e de harmonia e também gerador de conflitos, de inimizades, de ruturas, tudo numa simbólica tão densa e tão intensa que dificilmente a podemos confinar a qualquer categoria construída por nós. De facto, a Palavra da cruz é a expressão do supremo mistério do amor Deus que não recusou o Seu filho para nos testemunhar esse amor sem limites. A linguagem dos braços abertos na cruz testemunha exatamente essa incomensurável grandeza do amor do Pai.

Lisboa, 31 de dezembro, 2022

COMISSÃO DE COMUNICAÇÃO
DOS CARMELITAS DESCALÇOS

A PORTA DO CLAUSTRO



EDIÇÕES
CARMELO

A PORTA DO CLAUSTRO

Livro com artigos da revista digital *Claustro*.

Disponível nas Edições Carmelo e livrarias católicas nacionais

www.carmelo.pt

Tamanho: 16X23cm

N.º de páginas: 192

Preço: 10,00€

Algures no contexto da Comissão de Comunicação da Província de Carmelitas Descalços surgiu a possibilidade de se erguer um Claustro. Claustro seria – por dar-lhe um nome que identifique uma função – uma espécie de revista digital, dedicada à publicação de um texto semanal, no sítio da Província, o www.carmelitas.pt.

Tal como o corgozinho escorre colina abaixo, assim foi aparecendo semana a semana, sem publicidade, sem ruído, sem artifícios e, contudo, dando de beber às plantas, às flores, às árvores, aos cervos, às formigas, às cigarras, aos passarinhos, e às águias. Sem fazer ruído,

como se impõe a filhos e filhas de contemplativos.

Em A PORTA DO CLAUSTRO publicou-se um texto por colaborador daquela revista digital, e também as colaborações extraordinárias que supúnhamos aparecessem e, felizmente, apareceram. O claustro abriu-se, pois, e agora oferece-nos uma porta. Sinta-se convidado a entrar; proteja-se das agruras do caminho e da inclemência das tempestades. Sente-se algures por aqui e reze, ou medite, ou fique falando baixinho, ou reste simplesmente, sereno e caladinho, em silêncio.

WWW.CARMELO.PT

Edições Carmelo

Avenida Santuário do Menino Jesus de Praga, 2802
4630-001 Avesadas – Marco de Canaveses (Portugal)
+351 255 531 354

Apresentação do livro *A Porta do Claustro*

Isabela Neves, OCDS



O livro que ora se apresenta – *A Porta do Claustro* – é basicamente, como dizia o Pe João Rego, Director das Edições Carmelo, um fórum de partilha de reflexão e conhecimento sobre as mais variadas temáticas na perspetiva do diálogo entre fé e cultura, sob a iluminação que o Evangelho pode dar a temas como a economia, a ecologia, a política, a ciência, a família, a espiritualidade, e tantos, tantos outros.

A *Claustro* é uma espécie de revista digital que teve início no dia 14 de dezembro de 2021, visando a publicação, em ritmo semanal, no site da Ordem www.carmelitas.pt, de um artigo sob temática variada e da responsabilidade de cada autor, dos vinte e quatro que aceitámos o desafio de integrar este projeto desde a raiz.

Passado um ano destas publicações semanais, cada autor selecionou um dos seus textos, que é o que agora aparece publicado neste livro – *A Porta do Claustro*.

À semelhança de um claustro também a *Claustro* tem quatro galerias, ou quatro áreas alargadas: Casa Comum, Cultura, Desafios, Espiritualidade, e de forma mais serôdia a área Perspetivas.

Cerra-se este livro com um Ferrolho (de metal precioso) a modo de o proteger, para bem guardar um grande tesouro: *Maria que é Mãe de Jesus e Mãe da Igreja é modelo de vida contemplativa e apostólica de Cristo para todo o cristão, seja religioso, leigo ou sacerdote e, em especial, neste tempo de Advento.*

Agrada-me registar o modo como se distribuem os vinte e quatro colaboradores deste livro: a grande maioria são leigas (e leigos), e outra parte, de religiosos; assim distribuídos: onze seculares; quatro sacerdotes; dois jovens frades; duas monjas; e cinco que não conheço (sendo que um é ex-seminarista e uma jovem do ex-Carmo Jovem).

Como nos encontramos em contexto de Carmelitas Seculares, apraz-me ainda registar a presença dos leigos e leigas seculares do Carmo, assim distribuídos:

– Na galeria CASA COMUM encontramos cinco carmelitas seculares (José Machado, Júlio Pereira, Luís Correia, Nicole Vareta e Teresa Eugénio) e o Pe Joaquim Teixeira;

– Na galeria da CULTURA temos duas carmelitas seculares (Maria Paula Figueiredo e Marlene Tavares), o Frei João Costa, e outros três autores (Alberto Santos, Alexandra Lisboa e Helena Castro);

– Na galeria DESAFIOS temos um carmelita secular (Gustavo Borges), a Irmã Ana Sofia da Cruz, o Pe Manuel Reis, e outra autora (Raquel Serdoura);

– Na galeria ESPIRITUALIDADE encontram-se mais três carmelitas seculares (Isabel Carreira, Isabela Neves e Rui Guerra), a Irmã Ana Sofia de Maria e da Trindade e o Pe João Carlos Vieira;

– Em PERSPETIVAS apraz-me registar a presença muito interessante dos jovens irmãos Frei André Morais e Frei Francisco Maria Braguês, e outra autora (Verónica Parente).

– (E por fim, em jeito de prenda, achamos o inesperado FERROLHO, do Pe Manuel Reis).

Concluo, registando que é muito bom verificar estarmos a falar de uma obra erguida em família, em que a maioria dos colaboradores somos carmelitas seculares que, à hora da chamada, não nos acanhámos nem tivemos medo de dizer sim a este novo projeto, bem sabendo que esta é uma exposição que nos obriga a sair da nossa zona de conforto.

Por fim, quero ainda referir-me ao que nos diz o Frei João Costa na sua apresentação; estes textos podem ser usados e usufruídos em muitas direções, seja para rezar, para meditar, ficar a falar baixinho ou, simplesmente, para ficarmos serenos e caladinhos em silêncio.

E termino como ele termina, de uma maneira bem carmelita: «*Tal como à entrada dos prados, esta porta nada encerra, e fica aberta*». A nós toca-nos entrar.

momentos orantes | celebrações | atividades formativas

escola de Maria

ANO | jan 2023 a jan 2024
CINCO MÓDULOS

1. "Eis-me aqui"
20 a 22 jan 2023
2. "Pôs-se a caminho"
24 a 26 fev
3. De Mãe a Discípula
19 a 21 mai
4. Maria, Mulher fecunda
10 a 12 nov
5. Maria, Mãe da Igreja
12 a 14 jan 2024

Informações | Inscrições

www.escoladeoracao.pt

Participação presencial ou aulas online



ORDEM DOS
CARMELITAS
DESCALÇOS

Domus Carmeli

Rua Imaculado Coração de Maria, 17 | 2495-441 FÁTIMA
Tel. 249 530 650 | domus@domuscarmeli.net

Figuras do meu Presépio de 2022

Frei João Costa, OCD



1. Que me conste, e só me consta pela leitura do Evangelho, no primeiro Natal foram ao presépio – além de José e da Mãe sempre virgem; e sem contar os magos – algumas personagens menores; a saber: os anjos cantores, e os pobres pastores. Também por lá se encontravam o burrico de José e a vaquinha que não sei donde viera. É bem possível que, naquela noite, e nos dias seguintes, os pastores tenham trazido, além de leite e queijo, alguma galinha poedeira, um cordeirinho e uma cabritita. E como, entretanto, pelo perto e pelo longe, a notícia se foi tornando falada e sabida, por certo que depois foram aparecendo alguns dos habitantes de Belém. José também tinha familiares por ali – pobres todos, claro! –; e é possível que, além dos curiosos que por todos os lados há, também tenham vindo algum espião e algum estrangeiro indocumentado.

2. Neste Natal vou fazer, mais uma vez, o meu presépio; e embora a manjedoria se encontre algo desencolatrada, não irei dar trabalho a José. Eu próprio repararei o que for necessário, farei por alargar um pouco mais o espacinho no meu coração, irei alimpá-lo pelo melhor que puder, renovar a palha, sarrasqueirar as teias de aranha, compor a cancela e chamar uma estrela maior. A nascente irei rasgar uma janela para arejar.

José e Maria é, óbvio, lá estarão – que eles são os pais; Maria, a descansar; José, com o Menino ao colo, ora a sorrir, ora a chorar, e a chamar-lhe baixinho: «*Meu Filho, meu querido Filho, e meu Salvador!*».

O burrico por lá pascerá que, não tarda, a família terá de fugir antes que prendam os pais e nos matem o Menino. José também descansará pouco, sonhará de quando em quando, e dormirá aos sobressaltos, com um olho aberto e outro fechado. Maria não sei bem se dormirá, que além de si, tem de cuidar do Filho, amamentá-lo, procurar perceber por que agora chora, e mais logo, e além, e depois; e, mais que por si, terá de olhar por José. A mansa

vaquinha continuará a não faltar, claro, e não sei bem com quem ficará, quando, num repente, a família tiver de fugir para o Egito. Além da galinha haverá também um galo, porque aquela gruta é o novo jardim; e as cabritinhas são agora três – uma das quais, é cabrito –; e uma pomba, duas rolas, um casal de garnisés, um de coelhos, um de patos, dois faisões, duas galinhas, um pequeno bando de pardais que vêm chilrear ao Menino, e uma colónia de morcegos que já ali vivia antes do advento, completam o cenário. (Compreende-se facilmente por que peixes ali não haveria; mas uma cobra ou duas já eu não estranharia, não; também não há perus...)

3. Além das habitués que concentram o olhar de ternura do nosso coração, colocarei novas figuras, como sempre faço a cada ano; não, nunca é um renovo, antes um desajeito de dizer que são os pobres e enjeitados quem continua a chegar-se, em primeiro, ao limiar do mistério, e a nele mergulhar antes de todos.

Estas são, pois, as (novas) figuras que lá colocarei:

4. Colocarei um casal de velhinhas, com sessenta anos de casados: Domingas e Flávio. Algures nos dias do pino do calor, trôpegos, vieram sozinhos, pela fresca da manhã, ao Carmo – sozinhos, não, acompanhados por duas muletas cada um! – para celebrar as bodas de diamante do seu matrimónio. Têm filhos, mas não vieram os filhos; têm muitos netos, mas não vieram netos; têm uma abada de bisnetos, e nenhum veio: «*Senhor Padre, disseram-me, temo-nos a nós, e sorrimo-nos um para o outro como quando começámos em Luanda. E isso nos basta! A gente gosta-se, e a novidade tem mundo para andar. Que l'havemos de fazer?*». Nada, pois. Ficarão no meu presépio em representação de tantos velhos de mãos vazias e coração cheio, a sós vivendo, dialogando e sorrindo para as suas muletas. Outrora, noutros tempos, tiveram fartura de filhos, uma casa cheia de risos, de vida, de luz, sol e

festa, e agora, de perda em perda, já nada têm. «*Que, pois, l'havemos de fazer, senhor Padre?*». Nada. Deixá-los ir, que quem tem caminho pr'andar, tem de continuar; mas vós ficais no presépio junto do Menino Jesus.

5. Nas redondezas daqueles velhotes ajuntarei uma velhinha pequenina e tagarela. No adro da igreja, disse-me ela, há dias, algo parecido ao que eles, noutro, me haviam dito: «*Senhor Padre, ouça-me, por favor! Gosto muito do Fradinho São João! Porque ele é nosso, que também nós, os pobres, merecemos ter alguém por nós! Saiba uma coisa: quando tenho de pedir algum milagre ao céu, faço-o por ele e através dele. Venho aqui, olho para aquela mão, e peço-lhe, mas peço-lhe a chorar!, que se de algo precisamos, tem de ser a chorar que se pede! E ele concede-mo!*». Meu Deus, a quem assim confia no céu, terei de pô-lo junto da manjedeira do Menino Jesus, porque ninguém pode estar perto Dele e Dele ter medo!

6. Para completar o naipe de velhos no presépio, ainda colocarei ali a Ilse Ascensão; não é portuguesa, mas casada com um. Confessei-a há dias. Apercebi-a preocupada com o futuro dos netos; melhor dito, com o que de melhor haveriam de legar aos netos. Como de todo em todo a não conhecia, balbuciei-lhe um entaramelado de atrapalhão que, pronto, ela clareou com uma pergunta:

– *Padre, quem é o santo que está ali fora da igreja?*

– *O Santo Fradinho; escoreito, lhe respondi.*

– *Pois, isso li na base... Olhe, eu não sou muito de ligar a santos, mas surpreendeu-me o apelido, por ser também o meu! E os meus netos também são Ascensão; e a minha curiosidade é só esta: quais são as virtudes mais características do Frei João d'Ascensão?*

É assim que, de modo tão singelo, no meu presépio esplendem, este ano, o amor a Nossa Senhora do Carmo, ao Escapulário e à Igreja; ao Papa, à penitência e à oração; à caridade, ao recolhimento e ao estudo, e a vontade firme de ser-se fiel a Deus.

7. Irei colocar alhures – não, não terá, nem pode ter, lugar certo, antes perambulará por ali – um atolambado qualquer que, um dia destes, qual inopinado furacão, me irrompeu pela igreja: não houve porta que lhe fizesse frente, e a que lho fez, quase a deitou a baixo com uma cabeçada. Felizmente era rija. Talvez estivesse descompensado, que agora muitas vezes o vejo, ajoelhado, sereno e calmo, em recolhimento e de mãos juntas, diante do Santíssimo Sacramento. Sim, irei posicionar junto das ovelhinhas mansas, este lobo que, desabrido, um dia me entrou de chancas e aos pinotes igreja acima, e depois virou sereno adorador de Jesus, em espírito e verdade.

8. Colocarei ainda um peregrino com quatro cachecóis ao pescoço. (Achegou-se-me aqui num dos mais calorentos dias áspers da cove e, acho, ainda o não pus a cirandar pelos caminhos do meu presépio). Disse-me que era peregrino, mas deveria ser exagero da parte dele, que os peregrinos só se sobrecarregam com o essencial. E ademais ele mais se parecia a um fundibulário a cheirar a cerveja que a um peregrino. Disse-me que era polaco, mas os cachecóis – todos desportivos – eram de clubes alemães. Era

peregrino, mas ficou seis horas a rezar no fresco da igreja. Ora quem reza ou dorme seis horas seguidas numa igreja, certamente que aceitará ficar no presépio quantos dias e noites seja necessário, com o intuito de dizer que se pelo caminho nos pomos a procurar, muito mais, apressado, Deus vem pelo mesmo, para nos achar.

9. E vou colocar um brasileiro, moreno e vestido de t-shirt branca, e de havaianas no dedo, em pleno dilúvio inverni; chegou a Portugal no pós-covide, a fim de ganhar a vida; mas gosta mais de ajoelhar e rezar os sete diferentes terços (ou, ao menos, foi o que me disse) que aprendeu. Ora, trabalho é trabalho, e oração, oração. Não se podem trocar os tempos. Nem os modos. Ou não sei de que pão possa vir a viver. Se, porém, enquanto se trabalha, se pode andar com o pensamento em Deus, já não se pode trabalhar na hora de rezar. A este brasileiro de estranha bigodaça grande como um turco vou colocá-lo no meu presépio porque ele é, para mim, símbolo dos buscadores de Deus em tempo e lugar errados; claro que Deus nunca está errado em lugar algum, já que está em toda a parte; mas em toda a parte, até no Brasil, Ele também merece ser achado e adorado, depois de lavarmos as mãos e os pés, em pós o justo cansaço e o justo suor do trabalho diário.

10. Quase no fim irei colocar a Alice do Carmo – do Carmo, porque a avó é Carminho, aqui foi ela baptizada, aqui casou, e aqui baptizou e casou as três filhas. Alice, é óbvio, segue-as. Quando em reunião para preparar o baptismo, ela que já não é bebé, tratou de se escapular do colo do pai logo que pôde, porque tinha visto sobre uma mesinha uma bela imagem do Menino Jesus deitado sobre uma almofadinha, de braços estendidos a pedir-lhe colo. Logo a pedir colo, meu Deus... Apercebendo-se do singelo gesto do Menino, a Alice do Carmo quis, de imediato, pegar nele, e começou a embalá-lo e a cobri-lo de beijos. Logo ali todos nos enterneçamos e sorrimos, claro. O pior foi no fim; na hora de despedida não houve quem pudesse desgrudar-lhe o Menino dos braços, porque ela O defendia com não e gritinhos, lágrimas e beicinhos: – «*É meu! É meu*». Era dela, a única que percebeu o Menino a precisar de colinho. E dela ficou, claro, e assim foi que mo roubou; um pio latrocínio, entenda-se. É, porém, justo, que em chegando a hora de eu estrear o presépio ela mo venha devolver. Que não; inteiramente, isso não lhe peço. Apenas que mo traga; e para que tenha a certeza de que Ele é todo dela e só dela – e assim o seja de por toda a vida! –, ela que venha decida a ficar no presépio, a embalá-lo e a cobri-lo de beijos, noite e dia, em nosso nome. Ah, e como ainda é tão pequenina, de certeza que pode dormir na manjedeira com Ele, debaixo da mesma mantinha.

11. E junto da Alice do Carmo vou colocar o Ivo e a Eva, os únicos meninos que me fizeram desenhos de Natal para eu saudar, como convém, todos quantos à nossa igreja vêm durante esta quadra.

12. Também ali vou colocar Francisco C., tão manso como um menino de leite que, desde há longos anos, todos os dias, alegre vinha ao Carmo, sem se cansar, e bem até depois de contados os 90 anos. Prometera-o um dia à

Senhora da Capa Branca; e cumpriu o voto: irrepreensível e pontual sempre aqui chegava antes do abrir diário da porta. E foi vindo, até cair de exaustão, junto à entrada da igreja, roído por um cancro. – Gosto de homens que cumprem a palavra, mesmo que, silencioso, um cancro os ande a devorar! – O senhor Francisco também entrará no meu presépio, sim, que quem daquela maneira tão mansa e limpa quer entrar no céu da terra, bem merece entrar no meu presépio, e dali subir ao céu quando o Senhor o chamar. E sou eu que fico a ganhar.

13. No passado dia 20 de Fevereiro deixaram-me aos pés do Santo Fradinho do Carmo um anjo com uma asa quebrada, delicadamente enrolado numa bandeira da Ucrânia. Recolhi aquele ex-voto quando, ao fim da tarde, me avisaram para tal. Confesso: a estranheza não me deixou reconhecer logo o alcance da profecia; aliás, nem que se tratava de tal. Mas agora, sim. Agora, percebi-a.

Dadas as evidências. Por isso, a Ucrânia e o anjo de asa partida vão ficar no meu presépio deste ano.

14. Todas figuras deste elenco merecem entrar no meu presépio instalado no velho cargueiro gingão do meu coração. Nele entrarão, para desde ali beijar o coração do Menino Jesus, enquanto dorme. Que a ninguém dali Ele espantará! Pode que nenhum delas tenha limpo as mãos, ou tomado banho no último mês. Mas todos são de coração puro e são, como sol raiando, trémulo, por entre nevoeiro. Guarda-os, doce Menino Jesus do meu coração, junto do bafinho da tua boca

Ámen. Ámen.

15. (O senhor Francisco C. criava patos e outros bicos, com o mesmo primeiro desvelo do Criador. São dele todos os que aparecem no início deste texto.)

App prático e rápido



Os principais conteúdos carmelitas numa App

A Província Portuguesa dos Carmelitas Descalços apresenta uma nova plataforma de acesso aos seus conteúdos *online*: uma Aplicação para *smartphones*! Os que possuem o sistema IOS já podem descarregar esta Aplicação dos «Carmelitas Descalços»; brevemente também aparecerá no sistema Android.

Esta nova forma de acesso às propostas dos Carmelitas tem conteúdos diários: a oração de Laudes ou de Vésperas transmitidos do Carmelo de S. José, em Fátima; a oração do «Orar com os Místicos»; e escutar a Webradio «Monte Carmelo». Possui ainda conteúdos semanais como o «Claustro» ou mensais como este mesmo «Boletim de Espiritualidade». A partir desta aplicação podemos ainda aceder mais facilmente a propostas como as da Escola de Oração, além dos domínios e subdomínios do site www.carmelitas.pt Queremos desta forma estar mais próximos de todos quantos encontram vida e espiritualidade carmelita uma ajuda para crescer na sua vida de fé e de testemunho. Esta iniciativa é coordenada pela Comissão de Comunicação que a Província Portuguesa criou no Capítulo de 2017.

